

## **ENTRE A ALEGRIA E A TRISTEZA SER PROFESSOR: UMA ANÁLISE SOBRE AS FORMAS DE ADOECIMENTO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Denise Cristina Ferreira (1); Maria Janine Pereira Fernandes (1) Patrícia de Lima Martins (2); Rodolfo Oliveira Paschoal (3)

Doutoranda pela Universidade Federal de Campina Grande e professora da União de Ensino Superior de Campina Grande, denisecristina20\_cg@hotmail.com (1) União de Ensino Superior de Campina Grande – PB- Unesc –faculdades, nine\_pfernandes@hotmail (1); União de Ensino Superior de Campina Grande – PB- Unesc –faculdades, plimamartins@yahoo.com.br(2);, União de Ensino Superior de Campina Grande – PB- Unesc – faculdades,rodolfopas@hotmail.com (3)

### **Resumo**

Este estudo é um recorte de uma pesquisa que tem como objetivo compreender as representações sociais do afeto e do sofrimento no exercício do seu trabalho. Sabendo que o professor é um ser social e histórico é importante falar sobre suas condutas levando em consideração seu presente a partir de uma construção socio-histórica. Uma vez que, para se pensar na condição do professor na atualidade, é preciso também refletir sobre a formação da educação brasileira. Além disso, é necessário levar em consideração as interferências dos contextos histórico-sociais que marcam o tipo ideal do que é ser professor na sociedade. A partir da compreensão empírica e de literaturas pertinentes e especializadas sobre o tema, procuramos enxergar diversos desafios enfrentados pela figura do professor. Esta pesquisa pode ser importante, na medida em que é possível desvendar certas dificuldades enfrentadas pelo professor na escola (espaço de trabalho), a exemplo dos relatos de sofrimento desses sujeitos, dados de afastamentos por diversos motivos de saúde ou ausência indeterminada por outras causas que muitas vezes ficam na invisibilidade, tendo em vista que a escola, educação e ética nem sempre caminham juntas. Dentro deste contexto, percebe-se que o professor vem assistindo uma série de mudanças em políticas sociais e econômicas que afetam positiva ou negativamente seu desempenho enquanto sujeito formador, culminando também nas angústias do exercício profissional do “ser professor”, como representação social e no fracasso decorrente de um esforço, aparentemente, inatingível por estar inserida a execução desta educação às normas curriculares das políticas institucionalizadas que, por vezes, delimitam sua atuação.

**Palavras chaves:** Educação; Professor; Saúde; Afeto; Sofrimento.

### **Introdução**

O ambiente escolar, por vezes, é marcado pelas lamúrias e lamentações, uma vez que é quase corriqueiro encontrarmos professores reclamando constantemente dos alunos, dizendo que

são relapsos, descompromissados, mal-educados, desrespeitadores, entre outros adjetivos. Vez ou outra encontramos um professor sonhando com as férias como um momento de refúgio da escola. Tentar sair o mais rápido do ambiente escolar parece o objetivo de grande parte destes professores. Podemos lidar com a seguinte hipótese sem querer ser antecipado, mas que estes motivos podem estar atrelados aos inúmeros afastamentos e ausência dos professores nas escolas públicas. Será que de fato este sofrimento existe? E o que faz com que estes professores sofram? Em contrapartida, encontramos professores que demonstram alegria no exercício das suas atividades, talvez hora ou outra uma reclamação, mas que demonstram prazer e satisfação com a escola.

Diante disto, temas que mencionam a condição de trabalho do professor têm recebido atenção dos pesquisadores nas últimas décadas. Para refletir sociologicamente sobre a função do professor é importante situá-lo numa perspectiva histórica, social e política que marcou a maneira como a concepção de professor foi sendo constituída no Brasil, ao longo do tempo. Uma vez que, essa contextualização histórica da educação brasileira nos permite compreender de modo sistematizado a maneira como foi se constituindo a identidade docente. Por isso, compreender o modo como a educação foi sendo formada no Brasil é fundamental para se entender o exercício de ser na sociedade atual.

Diante destas breves constatações algumas indagações surgiram como norteadoras do desenvolvimento deste trabalho como: De que maneira o professor vêm lidando com os dilemas enfrentados na escola? Como o professor vivencia o afeto e o sofrimento no exercício da profissão? Quais os motivos que levam o professor a sentir afeto? E quais as motivações que o levam ao sofrimento? E na existência deste sofrimento, de que modo esse fator pode alterar a relação entre professo-aluno? Estas são algumas das questões que iremos tentar resolver no desenvolvimento da pesquisa. O a ser pesquisado terá como foco a escola pública situada na cidade de Campina Grande-PB. O percurso metodológico versará pela análise qualitativa de cunho etnográfico através da observação das condutas e falas dos professores nas escolas.

Estas perguntas foram elaboradas a partir de uma série de curiosidades sobre o ambiente escolar da cidade de Campina Grande-PB, e pode ser apresentada em três momentos: Primeiramente, a partir da análise empírica das escolas como um ambiente de trabalho com dualidades em que transita a satisfação e a angústia do professor; Segundo por meio da observação das reportagens midiáticas locais que apontam as escolas como ambientes de conflitos e de violência; e por último o levantamento bibliográfico especializado da literatura nacional sobre o

trabalho do professor, o adoecimento e as relações entre afeto e sofrimento presentes na escola. E foi observado que apesar das inúmeras pesquisas com enfoques diferenciados sobre a condição do professor na escola, notou-se que são apresentadas perspectivas mais gerais a respeito da mesma, e deixam lacunas que merecem outras abordagens. Frequentemente, as análises são quantitativas que se referem de modo geral à condição de trabalho do professor, ou mesmo estudos de caso numa unidade escolar ou apenas em uma instituição. Portanto, a pretensão deste trabalho é compreender nas entrelinhas as adversidades presentes na escola que podem levar ao sofrimento e os momentos de afetividade que o faz continuar na profissão. E para isso, é preciso levar em consideração as ações dos sujeitos envolvidos na construção de sentidos.

Como objetivo geral, iremos analisar de que modo o professor vivencia o afeto e o sofrimento no exercício da profissão. Como objetivos específicos, compreender se existem condutas que revelam o afeto e o sofrimento; analisar o que causa satisfação e insatisfação no ambiente escolar; Verificar as principais situações de afeto na escola vivenciadas pelos professores; Perceber as principais causas de sofrimentos; Diagnosticar os afastamentos dos professores das escolas e as motivações.

Por isso, compreender através de um olhar socio-antropológico o afeto e o sofrimento do professor na escola atual é relevante, pois nos ajuda a entender as experiências dos professores, que por vezes transita entre situações de alegria e de constrangimentos que podem de algum modo afetar as condições de trabalho e de relacionamentos na escola causando uma série de insatisfações e afetando todo o ambiente escolar. Portanto, neste texto faremos uma breve apresentação do campo de estudo, em seguida uma contextualização histórica sobre o papel do professor na sociedade brasileira, e por fim a fundamentação teórica com a contribuição de alguns clássicos para a reflexão e um breve embasamento da pesquisa.

## **Metodologia**

Pesquisar é um ato que remete ação, curiosidade, dedicação e meticulosidade. Nas ciências sociais, especificamente, é preciso desenvolver um olhar peculiar de cientista social. Procurando perceber aspectos sociológicos que são cruciais para a pesquisa. E quando se refere ao ambiente escolar é preciso atentar para os detalhes que as interações sociais presentes na escola podem nos

apresentar. Portanto, para a realização deste trabalho, que esta em andamento, vem sendo realizado em dois momentos. Primeiro a partir da seleção e leitura de uma literatura especializada sobre o tema. Num segundo momento, serão analisadas entrevistas realizadas em oito escolas da cidade de Campina Grande-PB, tendo como referência o IDEB das escolas para tentar compreender as relações de afeto e sofrimento presentes no trabalho docente. Sabendo que a pesquisa qualitativa é importante pois, tenta situar aspectos que são específicos das ciências sociais. De acordo com Mynaio,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ele se ocupa, nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MYNAIO, 2010, p. 21).

## Resultados e Discussão

Para iniciarmos este momento é importante situar uma leitura que é bastante instigante quando nos referimos a pesquisa escola. Trata-se da entrevista do sociólogo François Dubet, descrita em entrevista concedida às pesquisadoras Angelina Peralva e Marília Sposito, publicada na Revista Brasileira de Educação de 1997. Ao resolver experimentar o que é ser professor em um colégio da periferia, o sociólogo François Dubet, professor da Universidade de Bourdeaux II, descobre que as descrições sobre as agruras da relação pedagógica que os professores lhe davam não eram tão exageradas quanto ele pensava.

A minha primeira surpresa, e que é fundamental, corresponde ao que os professores dizem nas suas entrevistas. Os alunos não estão “naturalmente” dispostos a fazer o papel de aluno. Dito de outra forma, para começar, a situação escolar é definida pelos alunos como uma situação, não de hostilidade, mas de resistência ao professor. Isto significa que eles não escutam e nem trabalham espontaneamente, eles se aborrecem ou fazem outra coisa. Lá, na primeira aula, os alunos me testaram, eles queriam saber o que eu valia. Começaram então a conversar, a rir (...) (DUBET, 1997: 223).

As ciências sociais e em especial a sociologia e a antropologia vêm ao longo dos anos, contribuindo com embasamento teórico acerca das questões da saúde e da doença na sociedade. Até

recentemente, os temas relacionados à saúde eram debatido apenas no campo das ciências da saúde. Aos poucos, as ciências humanas vêm conquistando seu espaço na reflexão acerca das relações que envolvem saúde, corpo e doença na sociedade (LE BRETON, 2003; LAPLANTINE, 2010).

No campo da sociologia e da antropologia do corpo tem se constituído um subcampo, o que aborda os processos de saúde/adoecimento, no qual se destacam como clássicos Laplantine (2010), Mauss (2003), Luc Boltanski (1984) e Le Breton (2003). Todos tendo como pressuposto geral o de que a saúde, o corpo, e o adoecimento se inscrevem em um universo de conflitos culturais polissêmicos.

Laplantine (2010) percebe a doença como uma desordem orgânica que invade o corpo, produzindo reações maléficas que reagem sobre o mesmo. Para que se tenha a cura é preciso estabelecer maneiras de equilíbrio do corpo na intenção de estimular sua reação contra a doença. Ele destaca a relevância classificatória e o protagonismo dos médicos nas definições e experiências de adoecimento e cura nas sociedade modernas ocidentais.

Para Laplantine (2010), uma emoção culturalmente produzida nas relações entre médicos e pacientes é o sentimento de culpa desses últimos, caso adotem um comportamento que venham a transgredir as ordens médicas, sendo um consenso mais ou menos estabelecido consideradas as camadas sociais que é a partir da sua obediência que podem obter o restabelecimento da *saúde*. Segundo o autor, para compreender o sentido da doença no indivíduo é preciso à existência da relação entre paciente e médico, a fim que este compreenda as subjetividades do enfermo e a sua doença.

A contribuição de Mauss (2003) para o debate aqui proposto se refere à sua conceituação de técnicas corporais, as quais variam no tempo e no espaço, produzindo noções singulares em torno do corpo nas diferentes sociedades e culturas. Para ele, é importante que a corporalidade humana seja observada a partir da biologia, da psicologia e da sociologia/antropologia, chamando a atenção para o fato de os indivíduos fazem parte e se constroem em contexto que abrange o econômico, jurídico, o histórico, o religioso e dentre outros. Mauss (2003) propõem que compreendamos o corpo através de um viés sociológico e antropológico, a partir das suas representações sociais e culturais relacionadas aos modos através dos quais os homens e mulheres se servem dos seus corpos.

Segundo, Boltansky (1984) as classes médias considerariam imoral, não cuidar do corpo e considerariam um corpo saudável muito além do corpo funcional e produtivo. Em termos gerais, segundo o autor, a construção do sentido de corpo saudável, na atualidade, está associada à capacidade de estar bem, feliz e empregado (BOLTANSKY, 1984, p. 25).

Tendo em vista tais considerações teóricas, compreendemos a situação corporal e da saúde do professor como vulnerável a diversos fatores sociais. Assim, o indivíduo pode ser percebido a partir uma somatória de questões que resulta no seu adoecimento. É importante perceber o indivíduo, segundo as discussões mencionadas, a partir de uma visão holística para que assim possa compreender a relação entre saúde/doença.

Vale à pena ressaltar que o trabalho desempenhado pelo profissional que pretendemos focalizar passa por um processo exaustivo de exercício físico, mental e corporal, o que de alguma maneira, pode causar limitações à saúde. Tais considerações evidenciam o trabalho desempenhado pelo docente é uma atividade que exige esforços cognitivos e físicos, tendo desdobramentos também no seu emocional.

A categoria trabalho remete à compreensão de esforços, jornadas de trabalho associada ao tempo, ao desgaste, ao suor do rosto, fadiga.

O trabalho supõe tendência para um fim e esforço. Para alguns trabalho, este esforço será preponderante físico; para outros, preponderantemente intelectual. Contudo, parece míope e interesseira esta classificação que divide trabalho intelectual e trabalho corporal. A maioria dos esforços intelectuais se faz acompanhar de esforço corporal; uso minhas mãos e os músculos e do braço enquanto datilografo estas páginas, que vou pensando. E o pedreiro usa sua inteligência ao empilhar com equilíbrio os tijolos sobre o cimento ainda não solidificado (ALBORNOZ, 2002, p.11).

O trabalho intelectual não pode estar dissociado do trabalho manual. Ambos desempenham funções simultaneamente, através do esforço mental e da postura corporal. Pensar estes elementos de forma dissociada parece imaturo, já que um se sobrepõe ao outro. De acordo com Maria Lacerda de Moura (1931) a importância da junção entre o trabalho intelectual (trabalho com a ciência) e o manual (trabalho com as mãos, a prática) se faz necessário no desempenho da vida humana. “Entretanto, o trabalho intelectual não exclui o trabalho manual e vice-versa. Pelo contrário, a

harmonia de todo o ser vem da energia física em ação e do prazer de pensar e agir e criar mentalmente” (MOURA, 1931, p.16).

Para falar em escola é preciso mencionar a educação, uma vez que uma não acontece sem a outra, quando nos referimos ao contexto social em que vivemos. Para Brandão (2013) ninguém escapa da educação seja na rua, em casa, na escola, todos nós estamos de alguma maneira envolvidos com o ato de ensinar e aprender. De alguma maneira o autor desconstrói a concepção de que só aprender com a educação escolar e com a figura do professor. “Não há forma única nem um único modelo de educação” (BRANDÃO, 2013, 09). Essa reflexão de Brandão faz pensar na pluralidade das variadas maneiras que temos para aprender. Porém, quando a educação se torna escolar é o momento em que ela passa a criar tipos de homens para atuar num tipo de sociedade.

Vejamos como a figura do educador aparece nesta concepção do autor,

No entanto, pensando as vezes que age por si próprio livre e em nome de todos, o educador imagina que serve ao saber e a quem ensina mas, na verdade, ele pode estar servindo a quem constituiu professor, a fim de usá-lo, e ao seu trabalho, para os usos escusos que ocultam também na educação – nas suas agências, suas práticas e nas ideias que ela professa – interesses políticos impostos obre ela e, por meio de seu exercício, à sociedade que habita (BRANDÃO, 2013, p.12).

E para surgir o educador é preciso que venha a surgir a escola e isso acontece, mediante Brandão (2013), quando se estabelecem hierarquias que envolve o poder e o saber. A partir do momento em que se instaura as categorias de especialidades sociais e aparecem as de saber e de ensinar saber. É neste momento em que a educação vira o ensino, que inventa a pedagogia e transforma todos em educador. Diante disto, a escola se torna um espaço único para a mediação da educação escolar como obrigatória e um “direito de todos”.

A educação e a escola vêm sendo ao longo do tempo tema de inúmeras pesquisas envolvendo especialistas das mais variadas áreas. Muitos destes estão se preocupando com a evasão escolar, reprovação, indisciplina e entre outros. Portanto, refletindo sobre os impactos destes problemas e tentando desenvolver solução para a superação destes obstáculos vivenciados pela escola (PARRAT-DAYAN, 2008). Outras pesquisas Cantini (*et al.*2006), já apontam para os limites da formação dos professores acerca do preparo para lidar com o ensino e a tecnologia.

Na profissão de professor as exigências e cobranças por parte da sociedade são intensas. Cabe ao professor a missão de *educar* e tornar o cidadão *apto a atuar na sociedade*. Envolvendo esforços e dedicação de natureza simbólica, intelectual, emocional e física. Os trabalhos de Bordalo (2014), Ferreira (*et al.* 2011), Bastos (2009), Araújo & Carvalho (2009) Codo (1999), Mariano & Muniz (2006), Nóvoa (2002), Esteves (1999), e dentre outros, nos ajudam a compreender as preocupações de especialistas das mais diversas áreas em relação à condição do professor na escola na sociedade atual.

A partir daí e através do olhar socio-antropológico o indivíduo incorpora a representação daquilo que ele entende como ser professor e atuar como tal. Podendo este atuar numa escola privada ou pública no exercício da sua atividade. E é partir da sua entrada na escola que este começa a vivenciar de fato uma série de questões conflitos, inseguranças que afetam seu envolvimento com a escola. Esta trama social nos ajuda a refletir em torno daquele que se “preparou” para atuar no contexto escolar e na sala de aula. Segundo Wanderley Codo (1999) é neste momento em que o professor de fato se depara com os deveres e obrigações da escola.

E a partir daí o trabalhador da educação se torna profissional como qualquer outro com divisões de tarefas especializadas, cada um com sua área específica. Os autores trazem uma problematização interessante, pois diz que é difícil a tarefa de educar. Para fazer uma educação é preciso está constante com o indivíduo coisa que não é possível “coisas que talvez sejam atributo dos deuses- se houver deuses – um reles mortal está incapacitado a priori” (CODO, 1999, p.40).

A dissertação de Bordalo (2014) nos traz dados interessantes sobre as interfaces do trabalho e a docência. Fatores relacionados às exigências do dia a dia no trabalho docente afetam, diretamente a sua saúde, sendo os problemas, vocais, musculares e transtornos mentais mais vistos em sua pesquisa. Já Ferreira (*et al.*2011), evidenciam um fator agravante nas relações estabelecidas na situação escolar que é a violência na escola. Segundo sua pesquisa, o recente aumento da incidência de agressões físicas e verbais afetariam diretamente à situação psíquica do professor.

Segundo a pesquisa de Bastos (2009) sobre os professores das séries iniciais do fundamental, a incidência de transtornos relacionados à depressão, estresse, angústia, choro compulsivo, desânimo e apatia, em relação a escola tem crescido. Essas condições, segundo os professores, seriam desencadeadas por diversos fatores tais como: precárias condições de trabalho, aumento do número de alunos nas salas de aula, baixos salários, condições inadequadas para o



desempenho do trabalho, o novo perfil sociocultural do aluno, que emerge nas novas condições sociais de acesso à escola e o mau relacionamento com os gestores escolares.

A contribuição de Araújo e Carvalho (2009) mediante a análise de escolas públicas e privadas da Bahia, nos níveis fundamental, médio e superior, evidenciam como fatores determinantes dos níveis de adoecimento docentes os seguintes: execução de uma sobrecarga de atividades, jornadas duplas, as dificuldades de controle dos alunos, descontrole com o ritmo de trabalho, dentre outros. Um ponto importante desse trabalho é a escassez de pesquisa sobre as atuais condições políticas e sociais do papel do professor na sociedade.

Mariano e Muniz (2006) elencam fatores que contribuem para o adoecimento de docente semelhantes aos dos autores mencionados o estresse devido a indisciplina em sala e a exaustão na execução de trabalhos tais como os ligados à elaboração e correção de provas; a preparação de aula; a participar das atividades gestacionais da escola; as dificuldades no contato com a comunidade dentre outros. Na mesma direção, Nóvoa (2002) afirma que a atividade docente está relacionada ao emocional e não pode ser dissociada de um espaço de vivência atravessado por afetos muitas vezes desagradáveis e de conflitos.

Para Esteve (1999) o medo, as angústias, as pressões sociais, institucionais e as transformações abruptas advindas do processo de uma sociedade modernizada contribuem para que se desenvolva um mal estar no docente. As incertezas, a segurança, a perda do sentido no seu trabalho faz do docente uma pessoa insegura no seu cotidiano e isso pode acarretar o seu adoecimento físico, mental e social. Essas e outras pesquisas têm contribuído com uma reflexão pertinente sobre a relação trabalho e adoecimento do docente e nos inspiram a pensar as exigências que a sociedade atual impõe a figura do professor e como estes fatores perpassam a relação da saúde, da doença e do corpo na contemporaneidade.

## **Conclusões**

Diante do que foi apresentado é importante mencionar que a sociedade brasileira estar atravessando inúmeras mudanças nos âmbitos políticos sociais e econômicos. Sabendo disto, podemos dizer que a escola vem também atravessando estas mudanças e que de algum modo afeta o desempenho do trabalho do professor. Portanto, mesmo com todas as mudanças políticas e as

reformas implantadas os problemas na escola parecem continuar. Diante da revisão da literatura podemos compreender que os professores vivenciam a violência na escola, à falta de estrutura, salas lotadas, indisciplina, carga horária excessiva, entre outros dilemas, e que de algum modo podem levar ao sofrimento. Contudo existem aspectos que ainda causam prazer no exercício da profissão que dão sentido ao trabalho docente.

Portanto, as vezes a sociedade culpa os professores pelos problemas vivenciados na escola, atribuindo a estes falta de formação e de equilíbrio para saber lidar com o ambiente escolar. Diante desta consideração, é importante lembrar da contribuição de Dubet (1997) em sua entrevista quando conta que resolveu arriscar-se na tarefa de dar aulas enquanto pesquisador numa periferia de Bordeaux por causa de um trabalho prévio de pesquisa em escolas secundárias. Na verdade ele queria observar os relatos exagerados dos professores com relação aos alunos se tinham algum fundamento. Ao resolver experimentar o que é ser professor, Dubet, descobre que as agruras da relação pedagógica que os professores lhe davam, não eram tão exageradas quanto ele pensava.

#### Referências Bibliográficas

ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho**. São Paulo: brasiliense, 1986.

ABRANOVAY, Miriam. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

ARAÚJO, Tânia Maria de & CARVALHO, Fernando Martins. **Condições de trabalho docente: os estudos epidemiológicos**. In Educ. Soc., Campinas, vol 30, n. 107, maio/ago. 2009, pp. 427-449.

BEGER, Peter. **Socialização: como ser um membro da sociedade**. IN: Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia. Org. Marialice Mencarini Foracchi e José de Sousa Martins. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

BASTOS, Josane Aparecida Quintão Romero. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim-MG**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da PUC/MG, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. 33ª ed. Coleção Primeiros Passos – São Paulo: Brasiliense 2013.

BORDALO, Karina Barbosa. **Interfaces entre trabalho docente e adoecimento**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA, 2014.

CODO, W. et. al. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DUBET, F. **“Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor”**. Revista Brasileira de Educação, n.5-6, 1997, p.222-31.

ESTEVE, J. M. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, SP: EDUSC,1999.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petropolis, RJ: Vozes:2009.

LAPLANTINE, François. **Antropologia da Doença.** São Paulo, Martins Fontes, 2010.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MINAYO, M<sup>a</sup> Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 7<sup>a</sup> Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.